

---

## **Desafinar o coro dos contentes. O jornalista e poeta Torquato Neto e a Coluna Geléia Geral<sup>1</sup>**

Shelda Vanessa Ribeiro Magalhães<sup>2</sup>

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto – Teresina – PI)

Orlando Maurício de Carvalho Berti<sup>3</sup>

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto – Teresina – PI)

### **Resumo**

Este artigo analisa as características e interfaces presentes na coluna informacional Geléia Geral, assinada pelo jornalista e poeta Torquato Neto entre agosto de 1971 e março de 1972. O material está disponível em coletânea reunida por Paulo Roberto Pires, no livro *Torquatália – Geléia Geral*, da editora Rocco. A pesquisa foi realizada através de análise de conteúdo, dos cinco textos publicados por Torquato Neto em agosto de 1971, trazendo as contribuições de Teresinha de Queiroz, Valéria Alves, Lucas Costa, dentre outros. A coluna é um espaço de resistência, frente aos abusos cometidos pela ditadura civil-militar brasileira, e de promoção a arte e da cultura do lado de dentro e de fora das fronteiras nacionais, transpassando uma maneira diferencial e emblemática de fazer jornalismo de Torquato Neto.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; Torquato Neto; Geléia Geral; cultura; arte.

### **Introdução**

O poeta, letrista, compositor e jornalista, Torquato Pereira de Araújo Neto, nasceu em Teresina (capital do Piauí) no dia 9 de novembro de 1944. Era filho único do casal Heli da Rocha Nunes e de Maria Salomé da Cunha Araújo.

Ele entrou para a História do Brasil, notadamente no campo jornalístico e cultural, com suas contribuições artísticas, informativas e culturais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Acadêmica em transição entre o terceiro e o quarto período do curso de Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto, em Teresina, capital do estado). E-mail: [sheldavrm@gmail.com](mailto:sheldavrm@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor, pesquisador e extensionista dos cursos de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Relações Públicas – e de Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto, em Teresina, capital do estado). Atualmente trabalha com pesquisas relacionadas à democratização da comunicação, tecnologias atuais, rádios (principalmente comunitárias), novos sistemas comunicacionais e cidadania. É líder do GPCACPT – Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias da UESPI. Também é diretor de Relações Internacionais e membro do CGTIC – Comitê de Governança da Tecnologia da Informação e da Comunicação da UESPI. E-mails: [orlandoberti@yahoo.com.br](mailto:orlandoberti@yahoo.com.br) e [berti@uespi.br](mailto:berti@uespi.br)

---

Aos 16 anos, mudou-se para Salvador (capital da Bahia), quando conheceu uma turma composta de artistas, nada mais nada menos que: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Maria Bethânia, com quem passou boa parte de sua trajetória e construiu parte de suas contribuições.

Tendo em vista todo o legado jornalístico deixado por Torquato Neto, este artigo vem com o intuito de analisar a coluna Geléia Geral, do jornal a Última Hora (do Rio de Janeiro – RJ), assinada pelo jornalista piauiense entre agosto de 1971 até março de 1973.

O material jornalístico trazia resistência, críticas, inconformismos, frustrações, muita música, poesia e teatro. A análise corresponde ao mês de agosto de 1971, em que Torquato Neto assina cinco textos e traz muito de si e do mundo.

O objetivo geral deste artigo é entender as interfaces e subjetividades da coluna Geléia Geral que foi um importante marco para o jornalismo brasileiro, além de objetivar também entender o porquê dessa construção, suas peculiaridades e características.

A metodologia utilizada é a análise de conteúdo, este obtido através da coletânea reunida por Paulo Roberto Pires, com o livro Torquatália – Geléia Geral, publicado no ano de 2004, pela editora Rocco. Além disso, metodologicamente são levados em conta conteúdos de entrevista obtidos em história oral, e a visão de autores e estudiosos da obra e da vida de Torquato Neto.

A subjetividade do jornalista e poeta piauiense aparece o tempo inteiro na pesquisa, diretamente ligado com quem ele era e com os grupos que fazia parte, ainda que o poeta se utilizasse do jornalismo para sobreviver, era muito mais que isso, Geléia Geral era lugar de ocupar espaços, de resistir e de sugerir aos leitores o consumo do que Torquato considerava o melhor da produção artística.

Torquato Neto utilizava uma linguagem informal, de contato direto com o leitor, a maioria do seu público eram jovens politizados, de classe média, que entendiam os desdobramentos torquateanos, mas ele também queria fazer ver os inocentes. O poeta inspira a juventude, conta histórias, fala dos amigos, do lado de fora e do lado de dentro, dribla a censura e acontece.

Diante do exposto, a pesquisa inicialmente fala de quem foi Torquato Neto para quem o conheceu, quem trabalhou com ele no jornal, ou quem simplesmente leu seus escritos, assim como fala de quem Torquato era para si e de quem é para o mundo. Em

---

seguida, aborda a Coluna Geléia Geral, do jornal Última Hora e analisa as cinco publicações do mês de agosto de 1971. E por último, traz aspectos que fizeram da coluna e de Torquato muito além do que se imaginara, uma coluna no jornal.

### **1 – O intransferível Torquato Neto. Um grande e emblemático jornalista brasileiro**

Torquato Neto é desafiador do início para até depois do fim, incompreendido, solitário, tímido, calmo, louco. São alguns dos adjetivos atribuídos ao “Anjo Torto”, por aqueles que lhe conheceram pessoalmente ou por escritos.

Com uma breve e marcante passagem por este mundo, Torquato foi muito além de seu tempo e deixou um legado em tudo aquilo que tocou. “Ele era o letrista mais incrível. Cultivava o lado do artista maldito, que morre cedo. Mas, apesar de muito louco, não fazia nada que não fosse premeditado” (CARDOSO apud HOLANDA, 2017, p. 75).

Nascido em 1944, Torquato Neto passou os sete anos finais de sua vida, sob os Anos de Chumbo, correspondentes a ditadura civil-militar brasileira. Torquato Neto era contrário a qualquer tipo de censura, era contestatório e transgressor, um poeta marginal.

É o que reitera Paulo José Cunha (apud HOLANDA, 2017, p. 75) quando diz que,

talvez alguns representantes do melhor conservadorismo tivessem restrições a ele. E é natural que assim fosse. E Torquato, com aquele cabelo grande, aquelas batas e aquela postura contestatória, em plena vigência da ditadura militar, chocava os extratos mais conservadores da sociedade.

A turma de Torquato Neto sofreu sérias repressões com a censura, Gilberto Gil e Caetano Veloso são dois desses nomes que assim como Torquato foram exilados. As expressões artísticas em que o “Anjo Torto” participava revelavam muito sobre as suas preocupações políticas, dos inconformismos sociais e pessoais que Torquato e seus jovens amigos carregavam. “A juventude naquele tempo estava vivendo esse momento de reviravolta, de luta por liberdade em todos os sentidos. E quem fugia da tradição, é claro que tinha algum tipo de rejeição” (MENDES apud HOLANDA, 2017, p. 75).

A carreira de Torquato Neto começou aos 20 anos. Como jornalista, ele escrevia para o jornal O Dia, de Teresina, na coluna “Arte e Cultura Popular”. Demonstrava

propriedade nos textos com amplo conhecimento literário. Para o professor Fábio Castelo Branco, “ele já se mostrava um jovem de sólida formação intelectual. Passeava de Graciliano Ramos a Rachel de Queiroz, transitava pela poesia popular e exaltava um certo ideal de brasilidade” (BRANCO apud RODRIGUES, 2017, p. 37).

A maior parte das publicações jornalísticas de Torquato Neto foi feita no Rio de Janeiro, onde atuou em diversos jornais.

O jornal “Última Hora” e a coluna “Geléia Geral” assinada por Torquato Neto é uma das maiores contribuições deixadas pelo poeta. A coluna era escrita em tempos difíceis de fazer jornalismo no país, mas Torquato não deixava de expor opiniões e sentimentos, e tinha o perfil de um jornalista responsável.

Nesse sentido, João Rodolfo Prado corrobora que, “Torquato foi um dos colaboradores mais pontuais com quem lidei. Não eram tempos fáceis e não me lembro de ter trabalhado em redações tranquilas. Eram tempos pilhados e viver, mesmo com bom humor, era pesado” (PRADO apud RODRIGUES, 2017, p. 36).

Torquato Neto mantinha uma família. Era casado com Ana Maria e pai de Thiago Araújo (atualmente piloto de aviação comercial). O poeta tinha no jornalismo uma fonte de renda para fechar o orçamento familiar. Todavia, Torquato Neto tinha muito amor pela escrita, amor esse explanado em trechos de poesias como “meu coração é um pedaço de papel”, com isso o jornalismo era um instrumento de expressão de conformidades e desconformidades, a ditadura militar se enquadrava nessa última, na qual o poeta era autor de diversas críticas.

Nessa perspectiva, Luiz Carlos Sá, editor do jornal “Correio da Manhã”, afirma, “Ele era peitudo, mas não imprudente. Onde podia meter uma entrelinha disfarçada, metia. Era um redator competente e pontual. Nunca me deixou na mão” (SÁ apud RODRIGUES, 2017, p.37).

Envolvido com movimentos contraculturais e com o jornalismo alternativo, Torquato ainda sim trabalhava na imprensa tradicional, fazia um jornalismo de resistência, e não se calava diante dos riscos que o jornalismo combativo corria naquela época. Torquato explicou a decisão de escrever no *Última Hora*, em carta a Almir Muniz:

ocupar espaço, amigo, estou sabendo, como você, que não está podendo haver jornalismo no Brasil e que – já que não deixam- o jeito é tentar. [...] resistir, na marra e quebrando a cara [...] pintemos onde? Onde pudermos. Pintemos nos

---

jornais, por exemplo: só se publica o que é possível, mas se redige como quer. Não vamos desistir (TORQUATO NETO apud RODRIGUES, 2017, p.41).

A poesia de Torquato Neto não se limitou somente ao jornalismo, o “Anjo Torto” fez parte do importante movimento contracultural Tropicália, onde expôs suas indignações culturais e políticas de forma ainda mais expressiva.

Era Torquato em lugares e funções diferentes, com a mesma sensibilidade e intensidade de sempre. Nesse sentido, João Rodolfo Prado, editor do *Última Hora* aborda que

Torquato até poderia ter uma alma revolucionária, mas ele sabia que a coluna dele demandava um outro tipo de política. Talvez uma boa ideia disso tudo pode se obter ouvindo com cuidado o ‘Panis et Circensis’, obra básica do tropicalismo e que teve forte atuação de Torquato. Ele tinha um pensar fortemente político, especialmente uma sensibilidade cultural e estética intensamente marcada pela política, pelas dimensões do poder, pelos atrasos do Brasil. Para se ter uma ideia: ter cabelos compridos tinha lá seus riscos (PRADO apud RODRIGUES, 2017, p.41).

O grande artista contracultural, como é lembrado, não é só isso, ou ao menos, não é todo tempo isso.

O lado humano de Torquato Neto é o tempo inteiro dividido com o público, em torno de sua sensibilidade e indignação frente a retrocessos vividos em sua época. Porém, o Torquato amigo, pai, filho, marido, o Torquato para Torquato, que acaba vindo à tona com o suicídio, é uma figura reservada e limitada para quem teve esses papéis em sua vida.

Quanto a isso, Fábio Castelo Branco afirma que,

Ele é uma dimensão radical daquilo que, em grande medida, todos nós somos: plurais, de identidades cambiantes e metamórficas. O Torquato que atuou, em grande parte de sua vida, como jornalista, também o é. Não existe, portanto, um jornalista Torquato Neto *per se*, com uma identidade fixa, que atravessa toda a sua existência. É preciso que fuçamos desse estereótipo, tão difundido no estudo sobre ele, de que Torquato seria, em toda a sua vida, uma espécie de ‘mito contracultural’ (BRANCO apud RODRIGUES, 2017, p.42).

O primo de Torquato Neto, o publicitário George Mendes, que era adolescente quando o poeta faleceu, mas que tem um conhecimento histórico-familiar da vida e obra de Torquato, com um olhar mais próximo aos fatos, relata os contrastes do Torquato familiar e do Torquato figura pública: “Torquato era o neto mais velho, em uma família

numerosa. Era alguém que estava ao meu alcance, para ouvir, falar, dizer besteiras. O artista de opiniões muito fortes, decidido prático, afirmativo, na família era sereno, doce, de fala mansa” (MENDES apud RODRIGUES, 2017, p. 43).

O Torquato Neto para o mundo deixou transparecer sensibilidade, intelectualidade, loucura, subversão, indignação, e essa intensa preocupação em mudar o Brasil e fazer dele um lugar melhor.

Invente. Uma câmera na mão e o Brasil no olho: documente isso, amizade. Não estamos do lado de fora e do lado de fora é a mesma transa: underground, subterrânea, etc. A realidade tem suas brechas, olhe por elas, fotografe, filme, curta dizendo isso. Tem sua beleza: a paisagem não sustenta o teu lirismo, pode mais do que ele, campa com ele e isso é bonito. Organizar arquivos da imagem brasileira desses tempos, cada qual guardando seus filminhos, até que o filme todo esteja pronto (TORQUATO NETO apud RODRIGUES, 2017, p. 43).

A amplitude artística deixada por Torquato Neto é plural, assim como ele foi e é, através de seus escritos infinitos. Torquato é um enigma, nada fácil, nada exato. Torquato é um cidadão do mundo, complexo, intransferível.

## 2 – A Coluna *Geléia Geral*

Diante da amplitude e da diversidade dos pensamentos e sonhos de Torquato Neto, um ser humano diretamente ligado a poesia, música, e ao cinema, ele teve o jornalismo como um aliado desde cedo, uma das atuações jornalísticas do poeta de maior destaque é a coluna *Geléia Geral* assinada por Torquato de agosto de 1971 a março de 1972, no jornal carioca *Última Hora*.

Torquato Neto, operador por excelência da palavra, em cuja coluna do jornal *Última Hora*, *Geléia Geral*, assume-a em diversos formatos - cartas enviadas, cartas recebidas, transcrições de autores, traduções, letras de músicas, poemas, textos memorialísticos, crônicas ligeiras - é o exemplo mais acabado desse sentimento, partilhado no período, de medo e de recusa às palavras e de pavor aos estilhaços de seus múltiplos significados. O medo da palavra só encontra paralelo no medo do silêncio – horror igual em fração dessa juventude (QUEIROZ, 2006, p. 229).

Este artigo tem como objeto a coluna *Geléia Geral* de Torquato Neto, em uma análise de conteúdo das cinco publicações do poeta no mês de agosto de 1971, o mês pioneiro da coluna, que mostra um Torquato Neto entusiasmado e com fervor na escrita. Além disso, serão abordados aspectos intrínsecos de Torquato, seus encantamentos,

desilusões, resistências, que se revelam o tempo inteiro no decorrer da coluna, público alvo, direcionamento, objetivos e articulações torquatianas.

No dia 19 de agosto de 1971, Torquato abre a coluna *Geléia Geral*, com suas “cordiais saudações”, título do texto que revela o lado inquieto do poeta e a sua necessidade de transmitir e mobilizar pessoas para a inquietude. Torquato considera que as pessoas precisam prestar atenção, para “estar bem vivo no meio das coisas”, não importa o sofrimento, o redemoinho, a fogueira.

Nesse sentido, um aspecto marcante na coluna são as informações culturais e artísticas sempre trazidas por Torquato, no dia 19 de agosto de 1971, ele ressalta principalmente a figura de Caetano Veloso e a sua vida no sentido mais intenso de viver e fazer música, fala de Caetano na tevê e da sua capacidade fantástica, ainda que incompreendido, e ao mesmo tempo amado, que fez dele o maior ídolo do Brasil. Defendia, que Caetano, Gal e João Gilberto faziam muito mais que um programa de tevê em 1971, eles eram muito maiores que um programa para famílias nacionais. E que Caetano era o exemplo de alguém que tentava e resistia que não era inocente, que caminhava sobre as dificuldades e não esperava um dilúvio que apagasse o fogo.

Além disso, admira o que Caetano Veloso fazia através de um programa de tevê, com João Gilberto e Gal (um especial gravado pelo trio, para a TV tupi) em que reafirma todos os seus trabalhos na música popular brasileira, um Caetano que não esperava os inocentes do nosso país, e enfatiza o quanto estes inocentes são necessários para a situação ditatorial que o país se encontrara. Torquato termina a coluna citando duas músicas de Caetano em uma provocação aos leitores a ouvi-las, é breve e manda suas cordiais recordações.

Caetano vem, encontra João e Gal, reafirma com esse encontro na televisão tudo o que fez, pregou e provou sobre música popular brasileira e, muito além disso, para nós todos aqui do lado de dentro, deixa claro que não está exatamente esperando nada. Está na batalha. Não está nessa aí de esperar sentado, chorando, curtindo à moda conformista como fazem os inocentes (inocentes é sempre útil) do meu país. Caetano está mandando ver, como sempre. E, por falar nisso, vocês ouviram direito “De noite na cama” e “Você não entende nada?” Bom, não é? Cordiais saudações (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004, p.199).

Na seção “pop-pop” trazia diversas informações sobre o mundo da música, do teatro e da imprensa alternativa. Neste dia trouxe notícias do “Grupo Abolição”, “Paulinho da Viola”, “Eclipse”, “John Lennon”, “Aretha Franklin”, “Gal” em um

---

chamamento a comprar o compacto, festivais, dúvidas acerca do próximo LP da Maria Bethânia, e informações sobre apresentações teatrais.

Torquato Neto termina seus textos fugindo do formal ,ele fala com o leitor, interage, desabafa, demonstra seus gostos e desgostos, e é sincero, destemido, “desafina o coro dos contentes” e contempla o público de sua coluna, que em sua maioria, bem entendem das articulações do poeta.

A coluna para Torquato Neto era uma expressão de resistência frente aos abusos autoritaristas e ditatoriais enfrentados pela população nos anos 1970.

Desse modo, as expressões culturais de resistência que aconteciam dentro e fora do país, sempre se fizeram presentes na coluna. Nesse contexto, o trabalho de Valéria Aparecida Alves, *“Um poeta não se faz com versos”*: Torquato Neto e a produção cultural na década de 1970, corrobora que,

Como colunista, Torquato Neto, garantia sua sobrevivência, mas, sobretudo, utilizava tais espaços para discutir os temas que julgava importante na produção cultural, para opinar, sugerir mudanças necessárias no cenário da cultura e política brasileira e denunciar toda forma de autoritarismo (ALVES, 2015, p. 9).

Na coluna do dia 21 de agosto de 1971, Torquato escreveu sobre as expressões culturais que ocorriam do lado de dentro e do lado de fora do Brasil.

No primeiro texto, Torquato Neto fala de Milton Nascimento, para ele um dos maiores compositores brasileiros, fala de seus sucessos, e pede a presença ao vivo de Milton nos espaços, uma das melhores presenças que para ele, pode-se ter aqui do lado de dentro.

Torquato Neto apreciava expressões artísticas com maior qualidade de produção, era refinado e esses traços do poeta aparecem de início ao fim na Geléia Geral.

A coluna dava voz a essas manifestações artísticas, e é a cada dia um convite ao consumo do que para Torquato se tinha de melhor em arte e cultura, ele falava do que acreditava, era engajado com movimentos sociais e de resistência, tinha um público igualmente refinado e aos poucos, ocupava espaço.

Torquato Neto expõe e vende, e com embalagens de maior qualidade e refinamento: artistas nacionais e internacionais de diferentes tendências musicais, de Ângela Maria aos Beatles, passando por quase todos os baianos, pelos compositores da bossa nova, tendo como produtores principais Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Betânia; vende cinema e todos os



---

artefatos que permitem realizar esta forma, para ele, de guardar, proteger, preservar e mostrar, para além da censura institucional, o Brasil que era escondido pelos militares; vende instrumentos musicais, exposições, discos a mãos cheias, revistas, instalações e, claro shows, shows e mais shows. Eventualmente, sugere o consumo do teatro. Vende Londres, Paris e Nova York, cosmopolita que o é. A coluna é uma verdadeira ode ao consumo. E Torquato anuncia, sem pudor: comprem, comprem, comprem (QUEIROZ, 2006, p.230).

No lado de fora, segundo texto do dia, Torquato Neto trouxe Leon Russel, showmen dos Estados Unidos, destacando sua trajetória, parcerias e músicas. Por fim, destaca o LP do artista que seria lançado em breve. E convida: “Quem estiver a fim, escute com atenção e perceba como Leon soube assimilar o som da Ray Charles e de outros cantores de blues para incrementar a sua própria jogada- barra limpa, limpíssima. Som legal demais.” (NETO apud PIRES, 2004, p.205)

A voz que a coluna *Gelêia Geral* dava para Torquato refletia suas indignações pessoais, todavia visto que o poeta ocupava um lugar de resistência ao poder outrora vigente, e fazia parte da classe artística que historicamente participou diretamente desse processo, suas indignações não eram apenas pessoais, mas sociais.

A coluna é lugar de construção de espaços políticos e culturais e de invenção de novas formas de intervenção social, ocupando todas as brechas possíveis com práticas ainda não suscetíveis de cair nas malhas da censura. Esse esforço, que não é individual, resulta talvez na elaboração de novas linguagens e em tentativas de estabelecer comunicação com o público, a partir de poemas visuais, desenhos, montagens, pôsteres, e mesmo da cinematografia (QUEIROZ, 2006, p. 265).

Na coluna do dia 26 de agosto de 1971, Torquato aborda o “problemão” dos direitos autorais no Brasil, problema este que ele fazia parte, por participar da Sicam (Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais), relata as crises enfrentadas pelas sociedades existentes, denuncia articulações da Sicam, expõe dramas pessoais, teme retaliações e usa a coluna como instrumento de defesa contra possíveis abusos de poder, pelos fatos explanados por ele através da publicação da nota.

A Sicam, sociedade a que pertenço, quer saber se tenho algo contra ela. Recebi correspondência perguntando. Resposta: Sicam quer dizer: Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais. Era independente. Pelo que sei, transa atualmente com as três “grandes”(UBC, SBACEM, Sadembra), para ingresso, talvez imediato, na SDDA. Por que será, se a Sicam sempre, até bem pouco tempo, combatia abertamente o SDDA? O que está acontecendo? Quero saber. E aviso: a Sicam pode, com a publicação dessa nota, encontrar um macete

---

estatutário qualquer para me afastar do seu quadro de sócios. Ou pode tomar providências mais sutis, como- por exemplo- pontuar meus direitos de modo que eu passe a receber uma ninharia qualquer. Se acontecer isso, aviso daqui. Isso tem nome de devo dizer: não só a Sicam, mas todas as sociedades costumam tomar esse tipo de “providência” contra os que ousam abrir a boca para reclamar (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004, p.205).

Na seção “pop-pop-pop-pop-pop”, Torquato Neto trouxe informações sobre a revista underground Rolling Stone, falou do filme novo do Miguel Borges, do elepê da novela *O homem que deve morrer* que seria lançado pela Sigla, de mais uma produção de Nelsinho Mota, do sucesso de Paulinho da Viola, das articulações do empresário de Maria Bethânia, do elepê da Banda Veneno, e do festival de verão.

Como de costume, Torquato trazia as principais informações e articulações culturais do país, em fragmentos, de forma breve, em um convite ao consumo cultural.

Na coluna do dia 29 de agosto de 1971, Torquato Neto falou das “travessuras do superoito”, (um novo formato cinematográfico produzido pela Kodak) que aquilo era bom e barato, estava por toda parte, com ou sem som, retratando fino ou grosso (como o fosse), que estava na moda e que o barulhinho da câmera lhe agradava, além de ser fácil de manejar, quente, use e abuse.

Superoito é fácil de manejar (Waly Sailormoon) e custa cinquenta contos revelado, colorido, Kodak. Ivan Cardoso tem curtido bastante superoito. Gracinha Motta é minha superstar favorita e eu amo Gracinha Motta. Superoito não tem jeito, use e abuse. Planos gerais, panorâmicas, detalhes. Se eu compreendi direito, nada melhor do que curtir de superoito, vampiresco, fresco, mudo. Cinema é um projetor em funcionamento projetando imagens em movimento sobre uma superfície qualquer. É muito chato. O quente é filmar (NETO apud PIRES, 2004, p.208).

Uma das maiores crenças e paixões de Torquato Neto era o cinema marginal, a linguagem o angustiava pelas inúmeras possibilidades de significação que uma só palavra poderia trazer ao leitor.

Torquato Neto acreditava que só o cinema lhe traria uma linguagem direta, sem a multiplicidade de significação. O poeta revelou esses fatos, em texto escrito em Paris na madrugada do dia 31 de agosto de 1969 para 1 de setembro de 1969, revelando o sentido que o cinema fazia em sua vida.

[...] inventei que é melhor morrer do que não resistir e que é aprendendo que se vive e porque Glauber rocha morre de razão quando diz que basta filmar, la bas,

---

pra ser novo. E forte. Casa forte. Tom Jobim me disse que é impossível o otimismo, porque simplesmente não dá mais pé, mas ele fala de conversas e eu estou discordando porque estou falando de cinema nem é vida nem realidade, é verdade. Não sei quantas vezes por segundo (NETO apud QUEIROZ, 2006, p. 257).

Na seção “pop-pop-pop-pop-pop”, Torquato trouxe novidades, como de costume, contou do Som Imaginário, e de sua nova data, por causa da censura; do show que Milton Nascimento faria com o Som Imaginário e o Painel de Controle, do lançamento de Louis Armstrong, do compacto da Bolha, da gravação que Maurício Maestro, Paulo, Maurício e Cláudio iriam fazer para a Philips, do lançamento do livro o 3º desafio, do concerto no MAM, convida e dá informações sobre OKABAM de Flamarion, comenta e elogia o elepê da Aretha Franklin, avisa que o compacto de Gal já está nas lojas, fala dos lançamentos do Odeon e se despede.

Na coluna do dia 31 de agosto de 1971, Torquato traz a história de Johnny Winter, fazendo jus a um traço característico da coluna, trazer informações sobre o que acontecia de bom e de novo, do lado de fora. Mas dessa vez, foi mais que isso, Torquato contou como um garoto pálido se tornou um fenômeno no mundo. Sabe-se que muitos dos leitores da Geléia Geral eram jovens, Torquato Neto deve ter tentado inspirá-los, contando uma boa história. Desse modo, implicitamente, por admiração, Torquato convida o leitor ao consumo desse material cultural. Ao apresentar um artista e a sua história para o público, cumpre o primeiro passo para o entusiasmo de conhecer uma produção artística que outrora, quase por acidente (Torquato sabia que não), já se tinha ouvido falar.

### **3 – Muito além da Geléia Geral**

A coluna chegou ao fim no dia 11 de março de 1972, quase oito meses antes da morte de Torquato Neto. O jornalista e poeta faleceu no dia 10 de novembro de 1972, em seu apartamento no Rio de Janeiro (RJ).

O poeta sofria com problemas de depressão e alcoolismo, intensificados nesse seu último ano de vida. Além disso, Torquato Neto tinha uma relação conflituosa com a linguagem e frustrações com o sentido que elas faziam para o leitor, com uma gama de significados que permitem atribuir sentidos distintos ao significado pioneiro, proposto por ele.

Para Teresinha de Queiroz (2006):

Torquato Neto é caso exemplar e completo dessa tensão entre necessidade e resusa. Explode em palavras e implode com elas. Acredita de forma exacerbada no seu poder de possuírem o bem e o mal, de serem elas próprias o céu e o inferno. Morre desagregando-se em palavras, no limite da ilegibilidade. Vira silêncio, e o seu grande medo é alimentado pelo mito do silenciamento, em parte, auto-imposto à sua escrita- parte destruída, parte inédita. O horror à multiplicidade de significações das palavras reverbera em seu corpo, no cultuamento e no obscurecimento de sua história (QUEIROZ, 2006, p. 256).

Na coluna, a linguagem utilizada por Torquato Neto era informal, opinava, sugeria, dialogava diretamente com o leitor, e tentava driblar a censura. Ocupar espaços, como ele mesmo dizia, encontrar brechas, seja nos jornais ou em qualquer lugar, o que não poderia era parar de resistir.

Torquato Neto escrevia para um público politizado, mas que vivia sufocado pelo autoritarismo da ditadura civil-militar brasileira. Torquato resistia e inspirava quem o lia, mas também tinha como anseio mudar realidades, despertar e fazer ver abusos outrora jamais vistos e fez isso durante todo o seu caminho, através de diferentes meios, movimentos e expressões artísticas, assim como na *Geléia Geral*.

Na dissertação de mestrado produzida por Lucas Mendes Falcão Costa, intitulada *As astúcias de um Destinador na Geléia Geral brasileira*, aborda que a

Geléia Geral nasceu e propagou-se conjunta à identidade de um criador de gosto livre e dionísíaco. Ele impôs-se o destino de conduzir as ações de um público sufocado no claustro cultural dos anos de ferro. A *Geléia* gerada pelo balaio antropofágico de seleções do criador Torquato Neto, nas páginas de *A Última Hora*, procurou explorar, acima de tudo, as potencialidades criativas de rupturas com quaisquer normas ou formas de engajamento pré-estabelecidas. Como artimanha de um criador que precisava assumir apaixonadamente o simulacro de “guia dos cegos”, e, ao mesmo tempo, arrancar de alguma maneira a mordada fixada pela ditadura militar (COSTA, 2009, p. 94).

A *Geléia Geral* foi um marco para o jornalismo Brasileiro, uma coluna que resistiu a censura, que trouxe os grandes artistas contraculturais do país nas páginas dos jornais, que falou dos seus shows, e contou da vida desses artistas que lutavam contra a ditadura. Torquato desenhou o Brasil como ele era com inúmeros problemas sociais e com grandes marcos culturais. Um desenho da cena vista do Rio de Janeiro, mas que tentou representar e inspirar os movimentos de resistência de todo o país.

---

Torquato Neto é personagem do grande romance policial que ele vislumbra na geléia geral brasileira. Assim como, aqueles poetas de alémar ajudaram a construir a fantasmagoria da vida européia em suas grandes cidades, o Anjo Torto busca desenhar a fisionomia do lado de dentro do Brasil. Procura ver e ouvir a cidade grande, registrar suas inquietações, descobrir por meio de sinais microscópicos o segredo odioso do outro e significar a novidade desses processos na vida nacional. Os aspectos inquietantes e ameaçadores da vida urbana, da cena carioca em especial, enredam-se no seu próprio romance-policial em grande medida (QUEIROZ, 2006, p. 263).

Muito mais que a militância em um jornal, Torquato Neto militou a vida inteira por um país ou por ele mesmo, com uma vida conturbada, álcool, drogas, uma sensibilidade desenfreada e um legado que ficou pra história. Antes de morrer, Torquato era o gênio de poucos, depois de sua morte o mundo inteiro o conheceu. Torquato para Torquato era insuportável, aos 28 anos ficou pelo caminho, mas estará para sempre na história, com sua Geléia Geral e muito além dela.

### **Considerações Finais**

Este artigo teve como análise a coluna Geléia Geral, assinada por Torquato Neto entre os anos de 1971 e 1972 para o jornal Última Hora, do Rio de Janeiro (RJ).

Sob o enfoque dos cinco textos publicados nos mês de agosto de 1971, em uma análise de conteúdo, através de coletânea reunida por Paulo Roberto Pires, disponível no livro Torquatália – Geléia Geral, publicado pela editora Rocco.

Assim como, teve como contribuição compreender as interfaces e desdobramentos da coluna, no contexto ditatorial que estava inserida.

Diante disso, acredita-se que a coluna era uma voz para Torquato Neto e para os movimentos de resistência que eram ligados a ele, notadamente em um período de anos de chumbo e de fortes tensionamentos políticos e sociais no Brasil.

Torquato apresentava cantores que historicamente lutaram contra a ditadura, falava sobre suas histórias, seus shows, seus discos, seus planos e tudo isso levava ao consumo, mas não era somente um interesse capitalista.

Também Torquato Neto falava de seus amigos no jornal porque acreditava no trabalho deles, e acreditava nas contribuições culturais deixadas por eles, queria apresentá-los ao Brasil, queria que as pessoas não fossem inocentes, Torquato Neto queria resistência.

Essas resistências só são consolidadas anos após sua morte com a exacerbação de suas letras, suas músicas, seus filmes e seus escritos jornalísticos, amplamente difundidos no País e até em períodos de fim da segunda década do Século XXI ainda influentes culturalmente no Brasil.

Além disso, Torquato Neto também falava da arte do lado de fora e sugeria para os leitores, contava o que o sensibilizava, a história de vida por trás daquele ídolo da música, e inspirava a juventude que ainda não era, mas poderia ser. Torquato falava de quem admirava, mas também expusera abusos da companhia que participava e se defendia de possíveis retaliações.

O poeta utilizava da linguagem o tempo inteiro, por vezes indecifrável, enigmática ou até mesmo ilegível, mas a linguagem esteve o tempo todo ali. O que poucos sabem é que Torquato não tinha uma boa relação com a linguagem, isso se intensificou nos últimos anos de sua vida e isso explica seus entusiasmos com o cinema marginal e com criações como o superoito da Kodak.

Torquato Neto não gostava da pluralização de significados, acreditava no cinema, o que ele dizia ser “diversas verdades por segundo”. Para Torquato, o cinema era e pronto, a literatura não, ela não trazia verdade e não era unívoca, pelo misto de significações que a linguagem traz.

Torquato parou de fazer a coluna em março de 1972, no último ano de sua vida, ano em que os problemas com o alcoolismo e com as drogas, eram ainda maiores. A vida já tinha se tornado insuportável e esse Torquato Neto que o mundo quer conhecer hoje, não cabia em si mesmo, e ficou pelo caminho.

## Referências

ALVES, Valéria Aparecida. **“Um poeta não se faz com versos”**: Torquato Neto e a produção cultural na década de 1970. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438424206\\_ARQUIVO\\_textocompletoA\\_NPUH2015->](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438424206_ARQUIVO_textocompletoA_NPUH2015->)>. Acesso em: 10.jan.2018.

COSTA, Lucas Mendes Falcão. **As astúcias de um Destinator na Geléia Geral brasileira**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), 2009. Disponível em: <<https://tede.puc.sp.br/handle/handle/5259>>. Acesso em: 14.jan.2018.

---

HOLANDA, Victória. **De modo que fico.** Teresina: Revista Revestrés, Edição Especial Torquato Neto, v.33, 2017.

PIRES, Paulo Roberto(org.) **Torquato Neto: Torquatália – Geléia Geral.** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural.** Recife: Edições Bagaço, 2006.

RODRIGUES, Karine. **Ocupar espaço.** Teresina: Revista Revestrés, Edição Especial Torquato Neto, v.33, 2017.